

O EXISTENCIALISMO ATEU DE SARTRE COMO CRÍTICA À METAFÍSICA CLÁSSICA

Kátia Alves Santos*

Resumo: O objetivo desse estudo é apresentar o caráter mais importante do existencialismo ateu de Jean-Paul Sartre, a partir da famosa conferência *O existencialismo é um humanismo*, publicada em 1946. Na referida obra o filósofo francês aproxima duas noções-chave de sua filosofia, a de liberdade e a de existencialismo ateu. O presente texto visa mostrar de que modo o autor concebe estas noções e suas implicações na metafísica clássica.

Palavras chave: Liberdade. Existencialismo. Filosofia. Metafísica.

1. INTRODUÇÃO

103

Jean-Paul Sartre foi um escritor, filósofo e crítico francês, contribuiu para diversas áreas do conhecimento humano exercendo grande influência em várias gerações. Foi um dos representantes do existencialismo ateu, ramo da filosofia que ele inclui também Heidegger. O existencialismo se divide em duas espécies, o existencialismo ateu e o existencialismo cristão, cujos representantes mais importantes são Karl Jaspers e Gabriel Marcel.

É inegável a importância dos conceitos *liberdade*, *Deus* e *existencialismo*, na filosofia de Sartre. Esclarecer estes conceitos é o objeto do presente texto. A liberdade é a liberdade do sujeito e se manifesta no ato da escolha, não há escapatória, não há quem culpar por seus erros. O eu, uma vez que não possui uma essência imutável, transforma-se ao seu bel prazer.

A ontologia de Sartre é um dos últimos golpes, ao lado de

* Aluna do curso de licenciatura em Filosofia da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB). E-mail: kate389santos@gmail.com.

Nietzsche, Marx e Freud, na tradição cristã. Ao negar a metafísica cristã o autor responsabiliza o eu pela sua criação, sua moral e sua vida, mas também responsabiliza o eu pelo infortúnio do outro, como veremos a seguir.

2. CONCEITO DE LIBERDADE EM SARTRE

Em meio à crise da metafísica clássica que passou a ser incapaz de justificar a ação, Sartre utilizou a metafísica cartesiana dando para esta uma nova roupagem. Essa crise fica evidente com a afirmação do caráter ateu de sua ontologia, cuja ideia central é apresentada em sua obra *O ser e o nada* e retomada em sua conferência *O existencialismo é um humanismo*. Na conferência o autor revela a impossibilidade da aceitação de qualquer conselho de outrem e a inexistência de princípios prévios que possa nortear a ação do indivíduo. Para ele o próprio sujeito é quem carrega a responsabilidade de fazer suas escolhas, ontologicamente falando e somente a partir dessas escolhas é que surgirão os valores do sujeito, que ao mesmo tempo em que são por ele construídos, fazem com que ele se aproxime de sua essência, uma vez que não há essência humana *a priori*. 104

[...] se eu suprimi o Bom Deus, alguém tem que criar os valores. Temos que encarar as coisas como elas são. E, além disso, dizer que nós determinamos os valores não significa outra coisa senão que a vida não tem sentido, *a priori*. Antes de começarmos a viver, a vida, em si, não é nada, mas nos cabe dar-lhe sentido, e o valor da vida não é outra coisa senão este sentido que escolhemos (SARTRE, 2010, p. 42).

A consequência mais clara da não aceitação de que há um valor prévio que nortearia a vida e o viver é que não é mais possível pensar em um Deus que norteie os valores das ações dos homens e que crie regras que o homem, prontamente, deve seguir. Uma segunda consequência surge imediatamente: somente o homem, e não os fatores externos, é que pode, através de suas ações concretas, estabelecer os valores para a sua vida.

Como é sabido René Descartes coloca em Deus o conceito de liberdade positiva, esse ser criador que é livre, logo o conceito da liberdade em Descartes está intrinsecamente ligado à liberdade de criação. Partindo desse pressuposto Sartre vai além e transfere essa liberdade que dá o poder de criar livremente - outrora atribuído a Deus -, ao homem, já que para Descartes era o reconhecimento de que o homem é um ser pensante o fator determinante da existência e Deus é o encarregado de criar as demais coisas que o pensamento do homem não é capaz quando seu juízo está suspenso. Quando o homem está dormindo, por exemplo, não é capaz de sustentar o pensamento. Deus surge, na metafísica cartesiana, como uma necessidade ontológica, como ser capaz de garantir as verdades eternas.

Para Sartre, diferentemente de Descartes e do ponto de partida do cogito, o homem, primeiramente, existe, a partir do seu existir em um mundo. Ele se descobre primeiro como ser existente e só, posteriormente, se define, através de suas escolhas. A liberdade humana é, portanto, o âmbito a partir do qual o homem é capaz de definir-se, pois ele é o único responsável por suas escolhas que inevitavelmente lhe servirão de bússola moral para suas ações. Rompendo, assim, com a tradição de pensamento anterior, Sartre propõe uma reflexão mais profunda a respeito da condição humana, que é previamente dada, não por Deus pois esse não possui existência, logo a liberdade não pode ser pensada como algo que foi dado, mas sim como algo que é inerente ao homem.

Somente o sujeito que detém autonomia para escolher e reconhecer a si mesmo como consciência intencional possui a liberdade. Logo, são as escolhas feitas pelo sujeito que vão determinar suas ações e determinar o próprio sujeito. Essa liberdade só pode ser conquistada pois ela é indissociável do sujeito.

[...] o Para-si não tem uma essência definida. Ele não é resultado de uma ideia pré-existente. O Para-si é a existência humana, ou melhor, é o próprio homem. Na lógica-antropologia de Sartre, é preciso que o Para-si primeiro exista, construa sua existência através de suas escolhas e a cada estágio vivido marcará sua essência. Podemos perceber fortemente a dimensão subjetiva no

Para-si, certamente, vemos a influência cartesiana no existencialismo sartriano (FILHO, 2018, p. 110).

O para-si não pode ser visto como algo determinado, pois é somente quando o Eu faz suas escolhas e executa suas ações é que o Eu começa a determinar-se no exercício de sua liberdade. É através da afirmação da subjetividade que o sujeito escolhe a si mesmo e, através de suas escolhas, reafirma a sua subjetividade. Em seguida trataremos das implicações desta ideia de liberdade.

3. EXISTEM ADVERSIDADES NA LIBERDADE EM SARTRE?

O problema da liberdade dá-se justamente onde essa se constitui, ou seja, na vida social e na interação entre os indivíduos, pois é aí que é possível questionar o próprio pressuposto da liberdade, tendo em vista que o homem é livre, quer dizer, não determinado. Ao inquirir a liberdade é possível chegar a consciência de nossa existência, ao analisar os limites da liberdade de cada indivíduo em relação ao outro é possível perceber que o modo de vida do outro impõe certos limites à liberdade do Eu, causando assim um mal para o Eu. Esse Mal, porém, acaba por converter-se em Bem pois ele afirma a liberdade de ação do Eu diante de um Outro que não sou Eu. 106

É indissociável da vida social a experiência dos sentimentos de ódio, de vingança, dentre outros, pois esses sentimentos são experimentados no auge da realização da existência, no instante em que o indivíduo age. O outro irrompe como elemento capaz de nos impedir causando, assim, em nós a pretensão de exterminá-lo, dando margem a uma liberdade absoluta e sem responsabilidade que encontra a sua expressão na famosa afirmação de Sartre: “Então, é isso o inferno. Eu não poderia acreditar... Vocês se lembram: enxofre, fornalhas, grelhas... Ah! Que piada. Não precisa de nada disso: o inferno são os Outros” (SARTRE, 2014, p.125). Partindo desse ponto é notório que Sartre propõe a observação da existência em si e não de uma vida idealizada ou meramente teórica.

A importância da afirmação citada encontra-se no fato de que ao

afirmar a liberdade do homem e o surgimento do Outro no horizonte do Eu, Sartre recoloca a necessidade de discutir a liberdade, bem como o tema do Outro como sendo sintoma do Eu. Ao analisar as interações sociais encontramos diversas situações que se colocam no cerne do problema da liberdade, a exemplo dos casos de violência em que um homem subjuga o outro. Podemos refletir e questionar: até que ponto um homem é livre para exercer domínio sobre o outro?

O resultado da aceitação deste pressuposto é claro: o homem subjugado não pode exercer o gozo de sua liberdade. Questões semelhantes a esta não encontram suas respostas na análise dos limites morais e religiosos, haja vista que para afirmar a existência, foi preciso negar a transcendência. O que de fato se faz necessário é a realização da liberdade nos limites possíveis da existência e não mais a busca por uma liberdade teórica e idealizada.

Nas interações sociais encontram-se presente em todos os indivíduos, em maior ou menor grau também entre outras coisas, ideias e objetivos que não estão em conformidade com o outro, uma vez que não há mais uma essência prévia e a realização é sinônimo de afirmação de si. **107** Como essas ideias frequentemente não estão em conformidade com os desejos e objetivos do Outro, é inevitável o conflito entre os indivíduos. À instauração dessa contenda revela o fenômeno da liberdade e surge entre os indivíduos para que a liberdade não seja perdida e a vontade de alguém se imponha como vontade geral.

Na busca pela felicidade o Eu almeja a realização de seus desejos e objetivos, porém, está em desacordo com os desejos e objetivos do Outro. Ou o Eu afirma sua liberdade e vai ser feliz sendo o responsável por um dano causado ao Outro. Pode ocorrer também que o Eu, por respeito ao Outro, negue a sua liberdade e abra mão de ser feliz, não realizando os seus objetivos. Este paradoxo é essencial para a afirmação da liberdade, pois a felicidade do Eu é fator determinante da não-realização do Outro. A vida em sociedade, por seu turno, exige a negação da liberdade plena do eu. O mal-estar, por outro lado, está ligado a negação da liberdade do Outro ou na afirmação da liberdade do Eu.

A questão da liberdade tornou-se uma questão filosófica deveras

importante na contemporaneidade pois a sua garantia deve também preservar seu caráter aporético para que não se recoloca a metafísica clássica. Logo, partindo do ponto de vista estritamente humano, a aporia se impõe, uma vez que a afirmação da liberdade humana implica a realização de um, porém, pode implicar também a não-realização do outro. Por mais que o Outro se apresente quase sempre como fator predominante do impedimento da realização da vontade do Eu, a compreensão do papel que o Outro exerce é de suma importância para que o Eu reconheça a si mesmo. Uma vez que não há mais uma essência a partir da qual o eu reconhece a sua origem, o Outro é a única condição de possibilidade do reconhecimento e da liberdade do Eu, uma vez que o Outro faz parte da consciência e da ação do Eu.

Não é possível que o Eu suprima a existência do Outro, pois, o Eu não é livre para isso. O que pode ocorrer, como consequência mais radical do existencialismo de Sartre, é a utilização do Outro como meio para a realização dos desejos e a afirmação da liberdade do Eu. O Eu, ao fazer com que o Outro se converta em Bem para si mesmo, abre espaço para que o Outro, por sua vez, também utilize o Eu como meio para a realização de seus desejos. Nessa relação de sujeito do Eu ao Outro e vice-versa, mesmo que justificado no âmbito da liberdade, o homem perde sua humanidade convertendo-se em coisa do Outro e fazendo do Outro uma coisa. **108**

Uma das consequências da metafísica ateia de Sartre é a necessidade inevitável da presença do Outro para a afirmação da identidade do Eu. Mesmo o Eu estando sozinho o Outro se faz presente pois, segundo Sartre, o Outro encontra-se encravado no miolo do Eu e não é possível fugir dessa condição. Fatores religiosos, morais ou jurídicos podem somente servir de meios para que o Eu sinta medo e isso limite sua liberdade, porém, essa liberdade não cessa sua existência o que o sujeito pode fazer é abandonar todo fundamento transcendente.

Uma vez que o homem sartreano abandonou toda a concepção divina e suas implicações, já que sua moral não é mais norteadada por um Deus que não possui meios de se afirmar, é somente na ação que sua liberdade vai encontrar vazão, uma vez que as suas ações atingem toda a

humanidade.

O humanismo de Sartre implica, como consequência da sua metafísica ateia, em uma maior responsabilidade do Eu para com o Outro e vice-versa. Não há livro sagrado em que o Eu possa consultar para efetuar escolhas. Somente no engajamento humanista, através de minhas escolhas, que essa consciência e responsabilidade toma forma. Os sonhos, esperanças só permitem ao homem usufruir do fracasso, o que de fato conta é a ação. Todas as adversidades advindas da liberdade, uma vez que não há uma essência humana, é uma reafirmação da identidade do Eu e também do Outro.

4. HÁ POSSIBILIDADE DE CONCEITUAR A HUMANIDADE?

Só existe possibilidade de definição prévia se estiver ancorada na essência. Ao deslocar radicalmente a essência, dando lugar a existência, Sartre propõe, segundo Franklin Leopoldo e Silva que o único humanismo autêntico e verdadeiro só pode ser o existencialismo. É desse modo que, diferentemente da tradição clássica a realidade humana passa a **109** ser enxergada perante sua subjetividade e sua realidade, uma vez que é no âmbito prático que a liberdade do sujeito encontra o seu espaço de realização, como afirma Franklin Leopoldo e Silva: “Nesse sentido, humano ou humanidade não são conceitos cognitivos, assim como não são princípios éticos”. (SILVA, 2013, p. 10).

Uma vez que cabe aos conceitos a ordenação da realidade, bem como a demarcação dos limites de possibilidade de conhecimento, é dito que se conhece algo quando se encontra o conceito necessário para responder a alguma pergunta, nesse sentido, não se pode enquadrar a realidade humana em conceitos, pois estes não possuem plasticidade, eles se caracterizam por serem sólidos.

O conceito é o instrumento lógico que nos permite articular a realidade nos termos da relação fundamental entre essência e atributos. Observe-se que essa concepção é totalmente dependente de referenciais estáveis, isto é, de uma realidade representada conceitualmente. Admitimos que conceitos

representam adequadamente referências que nos permitem reconhecer a estabilidade ontológica, de tal modo que haveria uma correspondência entre a lógica do conceito e a estabilidade do real (SILVA, 2013, p. 10).

Cabe aos conceitos estruturar o conhecimento, mas não se pode enquadrar em conceitos algo que permanece com seu carácter aporético, tal a complexidade e abertura de possibilidades a que se encontra o sujeito.

5. SER E EXISTIR

Na metafísica clássica os princípios transcendentais eram utilizados como norteadores da moral e Deus era reconhecido como o princípio norteador da moral humana. Com o advento da ontológica atea de Sartre o homem não pôde mais basear as suas escolhas em princípios externos e transcendentais. Sartre propõe uma inversão na metafísica clássica, invertendo o seu pressuposto básico: é a existência que precede a essência e não o inverso.

110

O existencialismo ateu que eu represento é mais coerente. Ele declara que, mesmo que Deus não exista, há pelo menos um ser cuja existência precede a essência, um ser que existe antes de poder ser definido por algum conceito, e que tal ser é o homem ou, como diz Heidegger, a realidade humana (SARTRE, 2010, p.19).

O resultado da inversão da metafísica clássica não poderia ser outro: a não existência de Deus colocou o homem na posição de único responsável por suas escolhas e único capaz de construir sua moral. Essa liberdade não é uma escolha do homem, como afirma Josiane Fátima Wambier: “Segundo Sartre o homem está só no mundo e está condenado a escolher ou usar a sua liberdade mesmo que não queira” (WAMBIER, 2003, p. 44). Assim, por meio de suas ações e das implicações destas em seu meio, ele constrói, paulatinamente, sua moral, isto é, uma moral humana. Neste processo de construção ele se reconhece como ser que se

faz escolhendo, o que exige que a sua existência não seja, previamente, determinada.

Quando consideramos um objeto fabricado, como um livro, ou um corta-papel, por exemplo, esse objeto foi fabricado por um artífice, inspirado em um conceito; ele tinha como base o conceito de corta-papel e, também, uma certa técnica de produção anterior que faz parte do conceito e que, no fundo, é uma fórmula. Desse modo, o corta-papel é simultaneamente um objeto que se produz de determinada maneira e que, por outro lado, possui uma utilidade definida, e não se pode supor que um homem produza um corta-papel sem saber para que tal objeto serve. Então dizemos que, para o corta-papel, a essência - ou seja, o conjunto dos procedimentos e das qualidades que permitem produzi-lo e defini-lo - precede a existência; desse modo a presença diante de mim de tal corta-papel ou de tal livro está determinada. Aqui temos, portanto, uma visão técnica do mundo, em função da qual podemos dizer que a produção precede a existência (SARTRE, 2010, p. 18).

111

Não há regras que o criador estabeleceu para o homem seguir, pois primeiramente Deus, enquanto fundamento metafísico, não tem capacidade de sustentar uma existência, pois a essência em si é o ponto de partida para a afirmação de sua identidade. O ateísmo de Sartre não dá margem para que o indivíduo faça tudo o que deseja, uma vez que Deus não existe. Haja vista que o Outro se apresenta como fator de impedimento do Eu.

O que se faz necessário é a tomada de consciência do sujeito de que nenhum fator externo está apto a lhe fornecer meios para saber (antecipadamente) qual ação ele deve escolher realizar, uma vez que somente o Eu é capaz de escolher e são essas escolhas que modelarão a sua existência e afirmarão a sua liberdade. Ele afirma a sua existência, na exata medida que nega qualquer essência prévia, através de suas escolhas. O homem, no ato de escolher, afirma a sua humanidade, ratifica que a sua essência é a sua existência e não a afirmação de uma essência que lhe é estranha.

6. CONSEQUÊNCIAS DA ONTOLOGIA CARTESIANA E DA ONTOLOGIA SARTREANA

Para Descartes, o conhecimento de Deus dá-se por meio do conhecimento da ideia de perfeição, uma vez que se tem uma ideia clara e distinta de um ente perfeito, essa ideia é necessariamente verdadeira, pois toda ideia clara e distinta é verdadeira. Do ponto de vista cartesiano não há possibilidade de contradição. Deus possui, em sua essência, o conjunto de todas as perfeições.

É no reconhecimento de que não possui infinitude, que o homem reconhece a si mesmo como ser finito. Neste reconhecimento ele reconhece que a soberania da entidade divina é a única capaz de determinar o homem. Isso implica afirmar que, do ponto de vista metafísico, o sujeito é determinado, nascido com um propósito, haja vista que quando o oleiro fabrica sua arte, ele o faz com um objetivo definido, a obra nasce de uma necessidade e, depois de pronta, esta arte vai servir a um propósito. Da mesma forma o homem: Deus o faz com uma finalidade definida. Logo, o homem poderia ser responsável por suas escolhas e as implicações destas, uma vez que ele já foi previamente definido?¹¹²

Se o homem conserva em seu cerne a definição que foi dada por intermédio divino, seria o divino o responsável pelas escolhas do homem, pois ele já possui uma finalidade, suas ações seriam nada mais que a exteriorização dessa finalidade já escolhida e querida por Deus. Como vimos anteriormente, em Sartre não é possível atribuir existência a Deus, portanto, o homem não somente é responsável por aquilo que faz, como também é responsável por aquilo que não faz, ou seja, a liberdade não pode ser pensada como algo totalmente positivo. Distante de uma essência criadora, o homem sartriano se define como aquilo que é, porém, define-se também como aquilo que lhe falta ser.

Se para Descartes o infinito reside no homem, por meio do divino e faz com que o homem perceba sua finitude e sua dependência, quando reafirma a existência do infinito por meio da criação e causalidade, ele atribui ao infinito a característica de ser positivo e ao finito a característica de ser negativo. Por outro lado, Sartre não encontra causa ou razão para a

finitude do homem, porém o sentimento de incompletude não deixa de ser sentido, uma vez que o homem é responsável também por aquilo que não escolhe ser, o Em-si-para-si é o responsável por indicar a falta intrínseca ao Para-si, ou seja, indicar o que falta para ser Em-si.

Em Sartre, não se pode afirmar a existência de Deus, mas o Em-si-para-si permanece no horizonte indicando a falta inerente ao Para-si - o que lhe falta para ser Em-si. Nesse sentido, a finitude não tem causa nem razão, mas nem por isso a incompletude é menos experimentada pelo Para-si. As ausências que constituem o mundo humano estão aí para que as *realizemos*, isto é, para que as compreendamos e para que as efetuemos, levando-as ao limite da sua significação, que é algo como a *presença* da ausência (SILVA, 2013, p.108-109).

Segundo o estudo sobre a filosofia cartesiana, é possível pensar em uma relação com o determinismo, haja vista que o homem foi feito por um ser divino, e como tudo o que é feito, é feito com um propósito definido, logo, há uma objetificação do homem, pois suas ações são **113** desígnios de outrem. Porém, a filosofia sartreana exclui essa possibilidade, uma vez que mesmo fatores históricos ou sociais não tem a força para determinar o sujeito: somente o sujeito que pode determinar a si mesmo. Um homem dito intemperante, não pode atribuir a responsabilidade de seus atos a Deus ou as circunstâncias históricas ou sociais por seu comportamento, somente pode culpar a si mesmo, do mesmo modo pode deixar de ser intemperante e passar a ser prudente, pois apenas ele é livre e tem o poder de modelar sua moral a seu bel-prazer.

Realizar possibilidades é assumir compromissos: o ser humano somente será o que se tornar e isso é muito diferente de reagir, simplesmente, a uma condição dada. Entre a condição e aquilo que ela me tornaria, se a ela estivesse inelutavelmente submetido, existe a liberdade, mediação negativa e construtiva. Se me deixo condicionar, é porque neguei a possibilidade de escolher outra coisa; se resisto, é porque neguei a própria condição. Essa é a diferença entre a realidade humana e a

realidade natural das coisas, razão pela qual Sartre pode afirmar que “esta é a única teoria que atribui ao ser humano uma dignidade, a única que não o transforma em objeto” (EH, 15) (SILVA, 2013, p. 111-112).

Essa responsabilidade dá-se uma vez que as ações e não as vontades do eu são reconhecidas pelo outro e reverberam pela humanidade. Pode ocorrer que as ações não estejam em conformidade com os pensamentos. É neste descompasso que fica evidente a importância do engajamento humanista de Sartre, pois uma vez que o eu responsabiliza a si mesmo e não a outrem por suas ações, ele é capaz de analisar com mais criticidades suas próprias ações.

Se a ontologia cartesiana, ao partir da essência divina, chega a uma existência humana determinada; a ontologia ateia de Sartre, partindo da indeterminação humana, assenta na liberdade – esta afirmada nas escolhas – o núcleo central do seu humanismo ateu. Entre estas duas ontologias não há uma passagem de uma a outra e sim a afirmação de uma e a negação da outra. Na proposta ontológica de Sartre, fica evidente a utilização do conceito de liberdade cartesiana – liberdade concedida apenas a Deus no momento da criação – para situar a liberdade humana e negar toda e qualquer transcendência *a priori*. 114

7. CONCLUSÃO

Não havendo mais a possibilidade do homem culpar outrem por suas ações, ou estabelecer que suas ações são meramente causas últimas da vontade celeste, Sartre traz uma abordagem de caráter extremamente reflexiva e prática. Uma vez que Deus (pura essência) não tem a capacidade de sustentar sua existência, o homem (pura existência) se encontra agora mergulhado em suas escolhas e ações. Assim situado somente ele é capaz de modelar-se, não diante de uma essência e sim diante de outra existência que não ele próprio: o Outro.

Sartre dá ao homem não uma justificativa para eximi-lo de suas responsabilidades, e transportá-las a outro, mas sim o contrário, ele fornece ao homem o *insight* de que suas ações refletem, no Outro, de maneira indissociável, deixando assim, margem para uma

responsabilidade do Eu para com o Outro e do Outro para com o Eu. No contexto de sua metafísica ateia, o que está em jogo é a construção do homem, a definição de seu caráter e a criação de seus valores morais, sem o auxílio de um ser que não seja ele mesmo, um ser existente.

REFERÊNCIAS

FILHO, Luciano Oliveira Paulo. Antropologia existencial no pensamento de Jean-Paul Sartre. *Diaphonía*, v. 4, n. I, 2018, p. 108-118.

FILHO, Raul Landim. Argumento ontológico: A prova *a priori* da existência de Deus na filosofia primeira de Descartes. *Discurso*, v. 31, 2000, 115-155.

SARTRE, Jean-Paul. *O existencialismo é um humanismo*. Petrópolis: Vozes, 2010.

_____. *O ser e o nada: ensaio de ontologia fenomenológica*. Petrópolis: Vozes, 1999. **115**

_____. *Entre quatro paredes*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2014.

SILVA, Franklin Leopoldo. *Sartre e o humanismo*. São Paulo: Barcarolla, 2013.

WAMBIER, Josiane de Fátima. A liberdade em Sartre: unidade entre projeto e engajamento. *Emancipação*, v. 3, n. 1, 2003, p. 41-54.

Kátia Alves Santos

<http://lattes.cnpq.br/7683294829388371>